



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE ANÁLISE DA MARCAÇÃO DE TURNO EM “SENHORA DOS ABSURDOS”

CONVERSATION ANALYSIS: AN EXPERIENCE OF ANALYSIS OF SHIFT MARKING IN “SENHORA DOS ABSURDOS”

Célia Firmino¹
Magno Pinheiro de Almeida²
Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira³
Vanessa Hagemeyer Burgo⁴

Resumo: Este artigo objetiva analisar elementos da transição de turno em vídeo de domínio público do YouTube, cujo projeto de interlocução, em *Senhora dos Absurdos* é o humor, e mostrar o assalto ao turno e manutenção dele como forma de poder e de controle. A abordagem teórica está fundamentada nas Teorias de Marcuschi (2003), sobre a Análise do Discurso, Projeto Paralelos – NURC-SP de Dino Pretti (1998 e 1999) e seus teóricos no campo da Linguística Aplicada e para finalizar Sascks, Schegloff (1914). O diálogo do vídeo mostra uma confrontação de forças que, ao final, se evidencia como problemática em termos de interação. Assim, verifica-se que quando as intenções de disputa e de poder estão em jogo, a regra básica da conversação “cada um fala por vez” torna-se assimétrica. Pela estratégia de assalto ao turno, constata-se constante violação sem que tal comportamento seja considerado uma falta de polidez. Para Dino Pretti (1999), as falas simultâneas, interrompidas não indicariam uma agressão aos espaços de fala do outro, mas essencialmente, um desejo impulsivo de participar, de marcar pontos de vista, posicionamentos, defesas, ou seja, de envolver-se na consecução de tarefas comuns.

Palavras-chave: Análise Conversação. Marcações de Turno. Fala/Diálogo.

1 Introdução

O tema “Marcação de turno e suas características” é ingrediente das interações conversacionais, constituindo-se a principal característica desse importante processo de comunicação entre falantes. É o turno que o fundamenta, pois sem a presença de dois ou mais participantes, não pode haver interação e, portanto, a comunicação como atividade social deixa de ter sentido. Por essa

¹ Mestra em Estudos Literários e Professora de Educação Básica II na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo;

² Mestre em Letras UEMS/CG e Doutorando em Letras UFMS/CPTL; Professor do Quadro Permanente da UFMS/CPAR;

³ Pós Doutor e Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem; Professor do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* e da Graduação UFMS/CPTL;

⁴ Pós Doutora em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários e Doutora em Estudos da Linguagem; Professora do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* e da Graduação UFMS/CPTL.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

razão, o tema interessa-nos como fonte de estudos para ampliar-nos compreensão sobre a comunicação, considerando o que entra em jogo na interação.

Nas pesquisas sobre Análise da Conversação (AC), pesquisadores como Marcuschi (2003, p.06) observa que a atividade conversacional “para ser bem sucedida há que se preocupar-se com a especificação dos conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados”.

Assim, de acordo com Marcuschi, para além da arquitetura conversacional, cujos elementos estão na materialidade do texto oral, há as decisões interpretativas dos interlocutores, decorrentes do contexto, tanto informacional quanto semântico mutuamente construído ou inferido, o que pressupõe ingredientes cognitivos, culturais, étnicos, econômicos, etários. Ou seja, a subjetividade dos falantes interfere no nível da interação ao mesmo tempo que auxilia na sua construção. Por isso, a AC deve responder a perguntas como (MARCUSCHI, 2003, p.7):

“[...] Como é que as pessoas se entendem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo de forma coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos linguísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais?”

Isto posto, ao observar a efervescência e visibilidade que o *Programa Humorístico 220 volts* ganhou, por ocasião da morte de seu protagonista, Paulo Gustavo, um comediante reconhecido por interpretar personagens diversos, irreverentes, formando pequenos esquetes com o objetivo de provocar o riso, o humor, decidimos por trabalhar um desses esquetes. A *Senhora dos Absurdos* chamou-nos a atenção, tanto pelo nome icônico de sua personalidade que, previamente nos prepara para os seus habituais despropósitos “absurdos”, quanto pela sua linguagem ácida e preconceituosa, refletindo uma fala desrespeitosa, não apenas em relação ao léxico, mas também no que se refere à entonação, gestos e, sobretudo, ao assalto ao turno como forma de controle e domínio da fala. Logo, como se dá a interação e interpretativa entre uma personagem preconceituosa, estereotipada e uma

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

artista Samantha Schmütz, alvo da *Senhora dos Absurdos*? Embora, as personagens convidem a uma reflexão discursiva sobre o preconceito, via humor, o objeto de nossa análise será, primordialmente, o aspecto da fala por meio da conversação e aspectos socioculturais envolvidos com impacto na interação.

Considerando as reflexões feitas, a Linguística Aplicada abre-nos um vasto campo de possibilidades de aprendizagens acerca da interação humana e os efeitos de sentido que ela nos propicia observar e nos enriquecer, não apenas acerca do uso da língua e da linguagem, mas também da construção da intersubjetividade, por meio da fala. Daí, transformamos nossos interesses em uma indagação comum, sintetizada na questão norteadora deste trabalho: como se realiza a tomada de turno em um esquete humorístico?

A partir dessa indagação, temos como objetivo analisar elementos da transição de turno em vídeo já referido e mostrar o assalto ao turno e manutenção dele como forma de poder. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica exploratória, visando a abordagem qualitativa, trazendo breves conceitos da teoria sobre a transição de turnos e aplicação das respectivas regras de transcrição.

O referencial teórico respalda-se nas obras de pesquisadores dos Projetos Paralelos - NURC - SP, Luiz Antônio Marcuschi, Paulo Galembecki e demais teóricos pertencentes ao campo da Linguística Aplicada. Além desse aporte teórico citado ao longo do texto, buscamos outras abordagens conexas como contribuição ao desenvolvimento das referências imbricadas na enunciação deste trabalho, ampliando a metodologia exploratória escolhida. Em relação ao aspecto qualitativo, escolhemos para a proposta de análise o que consideramos ser representativo do material midiático produzido sobre a personagem *Senhora dos Absurdos*: Encontro com Samantha Schmütz – Paulo Gustavo – 220 volts – Humor Multishow.

O presente artigo divide-se em três partes: Introdução, Fundamentação Teórica, Análise do Vídeo seguidas das Considerações Finais e Referências. Na primeira parte, apresentamos e justificamos os objetivos do trabalho. Na segunda, fundamentamos teoricamente o tema, desenvolvendo conceitos, características e as normas de transcrição do Projeto NURC/SP – Núcleo



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

USP. Na terceira, realizamos a análise dos vídeos, com a respectiva aplicação teórica e, por último, apresentamos as considerações finais, seguidas das referências utilizadas.

Acreditamos que este artigo é o resultado de esforços no sentido de experienciar a análise da conversação, pelo viés das marcações de turnos e contribuir com a produção de conhecimento, a fim de que nossos interlocutores agreguem o crescimento e o sentido de descoberta que vivenciamos ao escrevê-lo.

2. Marcações de turno: Breve conceito conversacional e suas características

A comunicação, no contexto conversacional, realiza-se por meio do turno, responsável pela interação dos interlocutores que, no momento da fala, assumem o discurso e participação no processo comunicacional face a face, por meio da fala e da língua. Segundo Sacks, Schegloff e Jeferson (1974, p. 16):

Sobre o tipo de unidade que um falante emprega ao começar a construção da fala de um turno, ele tem, inicialmente, o direito, quando de posse do turno, a uma tal unidade. A primeira finalização possível de uma primeira unidade desse tipo constitui um primeiro lugar relevante para a transição. A transferência da vez de falar é coordenada em relação a tais lugares relevantes para a transição, aos quais chegará qualquer ocorrência de qualquer tipo de unidade

O turno, neste caso, está condicionado às construções de fala de cada participante que, por sua vez, é inerente às diversas variáveis por meio das quais os falantes se alternam. Assim, o turno não se define como uma mera transição, mas, sobretudo, como unidades de falas construídas pelos interlocutores formando sequências por meio de coautoria e coparticipação. Afirma Galembeck (1999, p. 55), referindo-se ao o turno:

A ideia de turno - de acordo com o senso comum - está ligada às várias situações em que os membros de um grupo se alternam ou se sucedem na consecução de um objetivo comum ou numa disputa: jogo de xadrez, corrida de revezamento, mesa-



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

redonda. Em todas essas situações, cada participante dispõe, para a consecução de sua tarefa, de um período de tempo (fixo ou não), o qual vem a constituir um turno.

Assim, podemos compreender que o conceito exposto privilegia todas as intervenções dos falantes, na troca de turno, desde a interação simétrica, em que os falantes contribuem para o desenvolvimento do tópico e a assimétrica, na qual o ouvinte apenas segue ou vigia o interlocutor.

2.1 Tipos de tomada de turno e suas características

A partir do conceito de turno como processo conversacional que se desenvolve por meio de alternância entre falantes, os quais tecem as sequências conversacionais que se caracterizam de acordo com o grau de participação entre os interlocutores, Galembeck (1999, p. 61) propõe dois tipos de turno: *o nuclear e o inserido*.

O *turno nuclear* se caracteriza por apresentar um valor referencial, isto é, um tópico que veicula informações. Já o turno inserido é desenvolvido pelos interlocutores que exercem monitoria da conversação de seus parceiros, sem a preocupação com o desenvolvimento de referentes ou a veiculação de informações. Podemos diferenciá-los como um turno (nuclear) mais comprometido com o conteúdo informacional e outro (inserido) mais informal, descompromissado com informações, apenas com a tarefa de seguir, acompanhar, vigiar os participantes da interação. Nesse caso, um dos falantes sinaliza que aceita a posição de ouvinte. Não se trata, porém, de considerar um mais relevante do que outro, pois ambos são importantes para a construção do texto conversacional oral.

Logo, os estudos demonstram que ocorrem no desenvolvimento do processo interacional, ainda que de forma imperceptível pelos falantes, estratégias de gestão de turnos, cujos procedimentos garantem não apenas a troca de ouvinte para falante, mas também a sustentação da fala pelo detentor do turno. Dino Pretti (1999) organiza uma síntese conceitual dessas estratégias, as quais citamos resumidamente:



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

1. **Troca de falantes:** alternância contínua entre falante e ouvinte, em que ambos os interlocutores participam da construção do tópico. A alternância de turno é feita da seguinte maneira:

- a) **Passagem de turno:** quando a colaboração do interlocutor é solicitada implícita ou explicitamente. Realiza-se em duas modalidades: **a requerida**, realizada por uma pergunta direta ou por marcadores que testam a atenção do ouvinte (né?, não é?, sabe?, entende?); a presença de uma entoação interrogativa pode funcionar como uma solicitação endereçada ao ouvinte, do tipo “não acha?”, “você poderia fazer isso?”; e a **consentida**, quando não há uma solicitação direta para a intervenção do ouvinte, mas ele intervém e passa a deter o turno, quando percebe o lugar relevante para a transição marcado por uma pausa ou não, pelo final de uma frase declarativa.
- b) **Assalto ao turno:** quando o ouvinte intervém sem que sua participação tenha sido direta ou indiretamente solicitada; ocorre como uma “invasão” ao turno do falante em desrespeito ao lugar relevante. Pode apresentar-se das seguintes formas: **assalto com “deixa”**, em que o ouvinte se aproveita de um momento de hesitação do falante caracterizado por pausas, alongamentos, repetições de palavras ou sílabas; e **assalto “sem deixa”** quando o ouvinte faz uma entrada brusca e inesperada no turno do falante, sem que haja sinais de hesitação dados pelo falante. Nessa ocorrência, há a sobreposição de vozes, o que gera colapso das regras organizadoras do sistema conversacional.

2. **Sustentação de turno:** o falante preenche as “brechas” que poderiam ser usadas pelo ouvinte para tomar a palavra, como forma de sustentar o turno até que sua elocução esteja completa. Neste caso, a sustentação pode ser do próprio turno ou o ouvinte pode sustentar o turno do falante por meio de turnos inseridos. Para isso, alguns recursos são empregados:

- a) **marcadores de busca de aprovação discursiva:** “entende?”, “né?”, “não acha?”.
- b) **repetições:** “indivíduo/indivíduo/indivíduo”, “de/de”.
- c) **alongamentos:** “de:”, “então:”, “o:”.
- d) **Elevação da voz:** emPOLGAdo.

Assim, os estudos da gestão de turno e dos processos da análise da conversação denotam um conjunto de regras que rege os turnos conversacionais. Segundo Marcuschi (2003, p.15), uma das



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

principais características da conversação é, seguramente, o fato de que os interlocutores alternam-se nos papéis de falante e ouvinte, caracterizando-a como uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum. Os turnos, então, são construídos pela presença de um falante e de um ouvinte, igualmente ativos, porém, participando de forma diferenciada. O falante seria o condutor principal, responsável pelo desenvolvimento do tópico, enquanto o ouvinte atuaria como um espectador do falante. No entanto, para Marcuschi (2003, p.16), o ouvinte não é, absolutamente, uma figura passiva, pois a sua simples presença influenciando o discurso do falante, já o torna ativo no processo conversacional, sinalizando ao interlocutor concordância, discordância ou prosseguimento do discurso.

Na linha dessas considerações, Marcuschi (2003, p.17), ao estudar a “Organização Turno a Turno”, observa que a conversação é mediada pela regra empírica e universal “cada um fala por vez” e, baseando-se nos teóricos Marcuschi (2003, p.17 *apud* H. Sacks, E. E. Schegloff e G. Jefferson, 1974), apresenta um sistema de regras “válido para interações espontâneas, informais, casuais, sem hierarquia de falantes, que é a um só tempo livre de contexto e mantém extraordinária sensibilidade contextual”. Dessa forma, qualquer interação deve ser mediada pelo seguinte:

- a) a troca de falantes ocorre ou pelo menos ocorre;
- b) em qualquer turno, fala um de cada vez;
- c) ocorrências com mais de um falante por vez são comuns, mas breves;
- d) transições de um turno a outro sem intervalo e sem sobreposição são comuns; longas pausas e sobreposição extensas são a minoria;
- e) a ordem dos turnos não é fixa, mas variável;
- f) o tamanho do turno não é fixo, mas variável;
- g) a extensão da conversação não é fixa nem previamente especificada;
- h) o que cada falante dirá não é fixo nem previamente especificado;
- i) a distribuição dos turnos não é fixa;
- j) o número de participantes é variável;



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

- l) a fala pode ser contínua ou descontínua;
- m) são usadas técnicas de atribuição de turnos;
- n) são empregadas diversas unidades construidoras de turno: lexema, sintagma, sentença etc;
- o) certos mecanismos de reparação resolvem falhas ou violações nas tomadas.

Portanto, esse sistema de regras é tão indispensável para uma boa interação falante/ouvinte que a falta dele interfere negativamente na própria interação, isto é, embora a interação demonstre, pela troca de turno, o desejo de ser ouvido e compreendido e, por quem ouve, o desejo de ouvir e de compreender, essa mesma condição (face a face), na ausência de regras, pode desencadear uma série de problemas na formulação da conversação a depender do contexto e das possibilidades de colaboração permitida pelos participantes.

2. Análise de vídeo do youtube: conversação oral em Senhora dos Absurdos

Como objeto de estudos, escolhemos um dos vários esquetes humorísticos do programa *220 Volts*, do ator Paulo Gustavo, disponível no canal Humor Multishow, no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=ZaviWaLVH3I>). De autoria de Paulo Gustavo e Filipe Braz, o programa origina-se na peça *Hiperativo*, e marca a estreia de Paulo Gustavo como protagonista de televisão.

O episódio em análise intitula-se *Encontro com Samantha Schmütz*, com duração de 2 minutos e 24 segundos, veiculado em 5 de dezembro de 2017, no qual a *Senhora dos Absurdos* tem um encontro inesperado com a referida atriz, em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro.

Algumas reflexões prévias a respeito da escolha do vídeo são importantes. É preciso considerar que o esquete transcrito é um texto teatral, escrito para um programa televisivo de humor. E a análise da conversação propõe uma experiência, cujos textos são construídos localmente, em situações cotidianas, empíricas, conceito já explicitado por Marcuschi. A questão que se coloca é se há proximidade entre o teatro e o cotidiano, e portanto, se há validade no objeto de estudo escolhido.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Partimos do pressuposto de que o texto teatral, embora seja previamente planejado e ensaiado, tem a finalidade de representar, ainda que de forma caricaturizada, as questões humanas, ou seja, o funcionamento da sociedade.

Assim, podemos inferir que as enunciações teatrais representam a dinâmica social em que estão inseridas, ou seja, as posições ideológicas, a forma como os participantes se comunicam linguisticamente é o que nos importam analisar, visto que nos possibilitam o exercício de aprendizagem.

O diálogo se desenvolve em torno de trivialidades e de trabalhos que a atriz realiza como comediante. A Senhora dos Absurdos será identificada como L1 e a comediante, Samantha Schmütz como L2. As regras utilizadas para transcrição estão explicitadas no anexo 1 deste trabalho.

L1: Olha aqui quem que eu encontrei, essa palhaça de Niterói...que qui cê tá fazendo aqui, você não é de Niterói...ridícula?

L2: Ué, porque sou de Niterói não posso vir pra Angra?

L1: Não...

L2: Preciso do que? ah...ah... passaporte... visto? (ah...ah...) Qui qui tem Niterói?

[

L1: Não tem problema nenhum Niterói não...o problema é com o Niteroense...qui Niterói tá fixado lá do outro lado, já o niteroiense é qui nem grama (?)... aquelas m..., aquelas p..., se espalha pelo mundo inteiro, tudo qui é lugar que ce vai ce encontra uma m...daquela de Niterói.

L2: (ri) Nã...não... a senhora está enganada... fique sabendo que Niterói é uma cidade maravilhosa... várias coisas (...)

[

L1: ...olha garota...deixa eu te falar uma coisa...você não é o Juninho Play...aquela m(*) de um metro e meio?

L2: Sô...ma...é...qui quié...tá detonando? Não tô entendendo (...)

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

L2 (risos) Quirida...acho que a senhora tá mal informada... por que assim...várias pessoas...num tem nada a vê um talento cum tamanho não... várias estrelas tem o meu tamanho sabia?

[

L1: Quem?

L2: Elis Regina...

[

L1: (...) Podre

L2: Qui é isso? Madonna...

[

L1: (...) POdre

[

L2: (...) não ...Madonna é só um pouquinho (gesto) mais al...Carmem Miranda...Carmem Miranda tinha um metro e cinquenta e dois...eXAtamenti a minha altura...

L1: a:: quem é Carmem Miran...aquela ridícula... aquel palhaça coabacaxi na cabeça...aquela idiota aquel mulhé vendia salada de fruta aqui no posto 9 aqui em Co...aqui no Coquerão...aquela garota é mulhé rid... depois foi faze sucesso...

[

L2: (...) quirida...Carmem Miranda...ela tem a...as mãos na calçada da fama... uma coisa que a senhora nunca terá né...

[

L1: (...) mais num vô te memo... qui eu jamais colocaria minhas jóias... minhas coisa na calçada... nu cimento porque cimento eu num boto a mão em cimento...minha filha... eu chamu um pé rapado um (?) um fudido um tosco um sem dinheiro...

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

De acordo com os estudos de Marcuschi (2003, p.15) , para que haja conversação, são necessárias cinco características básicas, já identificadas no vídeo: a interação entre dois falantes, ocorrência de pelo menos uma troca de falantes, presença de sequência coordenadas, execução de uma identidade temporal e envolvimento numa interação “centrada”. Assim, podemos considerar que temos uma conversação no diálogo transcrito.

É um exemplo de conversação simétrica, em que L1 e L2 contribuem para o desenvolvimento do tópico conversacional, espontâneo, sem que haja um tópico definido. A Senhora dos Absurdos (L1) detém maior parte da fala, pela extensão de turno que ela produz em relação à Samantha (L2). Ou seja, L1 inicia a abordagem, expressando aparente surpresa pelo encontro, mas já introduzindo referências como “palhaça”, “ridícula”, em tom de desdém, questionando o fato de L2 morar em Niterói, o que seria um desprestígio social.

L2 retoma o tópico e enfatiza que morar em Niterói não é empecilho para frequentar Angra. Temos então, sequências produzidas em torno do tópico “Niterói”, em que ambas reagem, como defesa sustentando os posicionamentos. Nas linhas de 1 a 3, há marcadamente um respeito aos turnos, um fala de cada vez. No entanto, no final da quarta linha, acontece a primeira interrupção por L1 que, bruscamente assalta o turno de Samanta, sem deixa, e constrói um longo período, permeado de pausas, de palavras de baixo calão (m*...e p*...), em tom e expressão facial de desdém.

A partir da linha 4, a conversação torna-se assimétrica, pela estratégia de assalto ao turno. Nitidamente, L1 ocupa a cena por meio de interrupções, mantendo o primeiro tópico da conversação até a linha 11. L2 não consegue terminar a fala, quando de posse da sua vez, deixando uma pausa, tomada por L1.

Neste momento da conversa, L1 insere um novo tópico perguntando a Samantha sobre a personagem Juninho Play, de Zorra Total. Claramente, são turnos inseridos, já que não há um referente em desenvolvimento, mas tópicos que vão sendo colocados para dar continuidade à conversa. A partir daí, a conversa se desenvolve em torno do personagem Juninho Play que é, desdenhado pela Senhora dos Absurdos.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

O que caracteriza os turnos inseridos é o fato de L2 se chocar com as intervenções de L1, e assumir a posição de ouvinte que não tem o que dizer em resposta aos absurdos que ouve. Sua fala é marcada por pausas, gagueiras, como alguém que está desestabilizada pela outra (L1) que se aproveita desses momentos para inserir novos absurdos.

A assimetria ocorre, não apenas pelos assaltos ao turno, mas também pela linguagem utilizada por L1, com palavras de baixo calão, com desinformação. Não se percebe uma passagem de turno requerida ou consentida, mas tomada pelas duas participantes, pois L2 passa também a tomar o turno para conseguir falar.

No entanto, é L1 que detém e sustenta maior parte do turno, concebendo sua ouvinte como alguém inferiorizada pela condição social o que, aliás L1 tenta reforçar o tempo todo, rebaixando, humilhando sua interlocutora por meio de elevação de voz (POdre), pausas, interrupções de palavras, repetições (um...um...).

Como observamos, o esquete acima é um exemplo de conversação marcada pelo assalto ao turno, por ambas as participantes, em que a regra citada por Marcuschi (2003, p. 17) “um fala de cada vez” não é seguida pelas falantes. O diálogo é construído por meio de turnos inseridos, protagonizados por L1 que conduz toda a interlocução, reservando à Samantha o papel de ouvinte que aceita e consente as inserções de L2, participando assim, ativamente, na sustentação de L1, pois apenas responde fragmentadamente às provocações dela.

De acordo com Pretti (1999, p. 78): “Também há dinamismo no nível de participação de cada interlocutor: a sustentação de turno (em face das ameaças do outro interlocutor), as pausas de planejamento, as reformulações.” Em síntese, observamos que a gestão de turno é realizada pelas duas participantes, cujo dinamismo e condução para uma interação desproporcional é realizada por L2. A Senhora dos Absurdos assume a tarefa de iniciar, conduzir e finalizar o processo de interlocução, num exemplo claro de assimetria e imposição de poder, seja por não permitir que a outra fale, por constantes interrupções e assalto ao turno, sem deixa, seja pelo nível de linguagem, pelas escolhas linguísticas ofensivas.



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Ainda, reportando à Pretti (idem) e finalizando a análise, é em razão desse dinamismo que observamos no diálogo analisado uma confrontação de forças. Quando as intenções de disputa e de poder estão em jogo, a regra “cada um fala por vez” é constantemente violada sem que tal comportamento seja considerado uma falta de polidez. Para esse teórico, as falas simultâneas, interrompidas não indicariam uma agressão aos espaços de fala do outro, mas essencialmente, um desejo impulsivo de participar, de marcar pontos de vista, posicionamentos, defesas, ou seja, de envolver-se na consecução de tarefas comuns.

4. Considerações finais

As interações conversacionais e os principais processos de comunicação entre falantes, tiveram como foco “*o turno*”, ponto chave de interesse dos pesquisadores, pois quando nos referimos à “*fala*” queremos dizer “*atividade conversacional*”, cuja interlocução é marcada por elementos interlocução os ideológicos, sociais, cooperativos materializados pelo uso da língua oral.

O objeto de nossa análise foi um vídeo de domínio público do YouTube, da personagem humorística “*Senhora dos Absurdos*”, cujo método utilizado foi exploratório, mediado pelas referências teóricas de Marcuschi (2003), pelos estudos realizados pelo NURC- Projetos Paralelos e conexões teóricas necessárias referentes à transição de turno, com foco no processo do assalto de turno, como estilo de poder e de controle.

A questão norteadora foi o interesse sobre como se realiza a tomada de turno, entre diferentes personagens sociais, durante a interação. Para o propósito, escolhemos um texto ficcional, teatral, portanto, previamente planejado, embora o grau de improvisação que ele apresente. Pelas regras de transcrição aplicadas, aprendemos a registrar falas, marcar intenções e possibilitar leituras, interpretações e análises das conversações, realizando assim nosso primordial objetivo.

Finalizando, acreditamos que a experiência vivenciada para a produção do artigo, desde as aulas estimuladoras, as leituras provocativas, os teóricos investigativos, os conhecimentos reveladores, a percepção aguçada, tudo se transformou em aprendizagens impossíveis de serem desaprendidas. Concluímos com uma frase de Di Fanti (apud Gomes 2017) elegida como síntese

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

dessa produtiva experiência: “É necessário ir além do dito, do visível, observando que há uma *tensão* entre o que é mostrado e o que não é aparente, mas decisivo para produção de sentidos”.

ANEXO 1

2.2 Normas de transcrição utilizadas nas análises do artigo, conforme Preti (1988, p. 12 -13, cópia do livro)

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático.	-- --	...a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes.	ligando as linhas	A. na [casa da sua irmã B. [sexta-feira? A. fizeram LA... B. cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”	Pedro Lima...ah escreve na ocasião... “O cinema fa- lado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos.	()	do nível de renda() nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre).	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática.	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r).	::podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem... éh::: ... dinheiro
Silabação.	—	por motivo tran-sa-ção
Interrogação.	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa.	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor.	((minúscula))	((tossiu))

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.).
2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? você está brava?).
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o cadenciamento da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::...(alongamento e pausa).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

5. Referências

GALEMBECK, P. de T. **O turno conversacional**. In PRETI, D. (Org.). PRETI, Dino (org.). **Análise de Textos Oraís**. 4. ed. – São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999 – (PROJETOS PARALELOS: V.1). Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto *NURCISP* - Núcleo USP).

_____, Silva L.A.; Rosa M. M. **O turno conversacional**. In: Preti D, Urbano H (Orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: T.A.Queiroz/Fapesp; 1990. p. 58-98

MARCUSCHI, L. A. **ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO**. 5ª ed. 6ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2003.

PRETI, Dino (org.). **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. – São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1998 – (PROJETOS PARALELOS: 3). Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto *NURCISP* - Núcleo USP).

_____. **Análise de Textos Oraís**. 4. ed. – São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999 – (PROJETOS PARALELOS: V.1). Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto *NURCISP* - Núcleo USP).

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. **A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation**. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

220 VOLTS (SÉRIE DE TELEVISÃO). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=220_Volts_\(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o\)&oldid=61079741](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=220_Volts_(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o)&oldid=61079741)>. Acessado em 05 de maio de 2021.